

Blom - Brasil 1931

Grise econômica ou moral? ESTADO DE SÃO PAULO

Diante de uma platéia numerosa, o presidente reeleito da Associação Comercial de São Paulo, Romeu Trussardi Filho, deu, em seu discurso de posse, maior ênfase à crise moral do que à econômica, mostrando ao ensejo a responsabilidade das elites, isto é, de todos que exercem algum tipo de liderança.

O sr. Trussardi vê sérias ameaças ao Plano Verão, por se ter nele mantido, tornando-se mesmo essencial, o que deveria ser complementar e transitório: o congelamento de preços e os altos níveis de taxas de juros. Não receia afirmar que na sua parte substantiva — o ajuste do setor público — o Plano limita-se aos esforços dos ministérios da Fazenda e do Planejamento enquanto Executivo e Legislativo, com suas atitudes, sabotam toda essa luta. O sr. Romeu Trussardi certamente exprimiu um sentimento geral ao sustentar que, mais grave do que a crise conjuntural, é a crise moral que o País atravessa.

Enumerou o presidente da Associação Comercial as manifestações dessa crise moral (nepotismo, compadrio e clientelismo,

corrupção, mordomias, desperdícios, ineficiência e desídia etc.). Todavia, o que mais o assusta é a resignação e a aceitação de tais fatos ou atos. Essa permissividade que se observa na administração pública — acentuou — provoca o crescimento do individualismo e do oportunismo. Ao que parece, o sr. Trussardi, em sua oração, distanciou-se dos problemas econômicos que deveriam concentrar a atenção de um presidente de uma entidade do porte da Associação Comercial. Não é o caso, entretanto, pois foi o clima por ele descrito que contribuiu para deturpar toda a vida econômica do País. É evidente que a principal vítima desses descaminhos é o próprio orçamento público, fortalecedor de uma inflação que cresce na medida em que se abandonam os parâmetros morais. E é esta inflação que corrompe a moeda que acaba por premiar e estimular a especulação estéril em detrimento do trabalho produtivo.

É fácil estabelecer uma correlação entre o crescimento da inflação entre nós e a queda dos investimentos. Poder-se-ia atribuir tal fato à queda da poupança, que

não está evidenciada pelo aumento do consumo com o qual deveria manter certa relação. Na realidade, com o crescimento da economia informal — que não deve ser considerada um atestado de saúde dessa atividade mas apenas uma defesa contra os excessos de um Estado que não merece confiança — perde qualquer interesse a aplicação em atividades produtivas. Do enriquecimento ilícito de uma minoria resulta o empobrecimento da maioria.

O presidente da Associação Comercial vai mais longe e alerta quanto ao fato de que, diante da acomodação das elites, deixa-se que outros levantenem a bandeira da defesa da ética e da moral, disso advindo a falsa impressão de que só eles são capazes de pôr termo a este triste estado, enquanto, na realidade, seus objetivos são bem diferentes.

Cabe aos empresários reagir, e não permanecer numa passividade cúmplice. Certamente, a melhor maneira de liquidar as fontes de corrupção na função pública é a redução da intervenção do Estado e das regulamentações excessivas que visam apenas criar condições para a obtenção de fa-

vores. Aos empresários cabe também defender a idéia de um Banco Central independente, com o que se poderia afastar as tentativas de utilização da moeda a serviço de uma minoria, amiga do rei e de sua corte. Enquanto sofremos esse desvio da poupança nacional, cumpre-nos procurar abrir a economia brasileira para que, com o capital e a tecnologia estrangeiros, se ampliem os investimentos produtivos e se convençam os brasileiros a também investir.

Os empresários devem procurar elevar a produtividade para ampliar lucros que permitirão, de um lado, pagar a dívida social, aumentando por outro a capacidade de produção, e isso sem buscar favores de um governo falido.

Discursos de presidentes de entidades de classe geralmente visam à apresentação de queixas ao governo e a petições de maior ajuda. Foi portanto oportuno que, abandonando os assuntos diretamente econômicos, um desses dirigentes tivesse mostrado que não pode existir economia sadia num clima em que os valores morais são permanentemente negligenciados.